



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

**Eixo temático: Serviço Social, relações de exploração/opressão e resistências de gênero, feminismos,  
raça/etnia, sexualidades**

**Sub-eixo: Feminismos e Serviço Social**

**FAMÍLIA E PARENTESCO SOB O SISTEMA-MUNDO HETEROPATRIARCAL,  
RACISTA-COLONIAL E CAPITALISTA NEOLIBERAL: em torno da *combinatória straight* de  
Jules Falquet**

**ANTOINETTE DE BRITO MADUREIRA<sup>1</sup>**

### **RESUMO**

O artigo trata da contribuição do conceito de *combinatória straight* de Jules Falquet para a epistemologia feminista, especialmente para o feminismo materialista francófono. Saliencia algumas das bases teóricas deste conceito em estudos de Godelier, Guillaumin e Wittig e sustenta que a partir dele Falquet atualiza um conjunto de proposições próprias do campo de estudos sobre família e parentesco.

**Palavras-chave:** Feminismo Materialista Francófono; Família; Parentesco; Combinatória Straight; Jules Falquet.

### **ABSTRACT**

This article discusses the contribution of Jules Falquet's concept of *straight combinatory* to feminist epistemology, especially to francophone materialist feminism. It highlights some of the theoretical bases of this concept in studies by Godelier, Guillaumin and Wittig and argues that, based on it, Falquet updates a set of propositions specific to the field of studies on family and kinship.

**Keywords:** Francophone Materialist Feminism; Family; Kinship; Straight Combinatory; Jules Falquet.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Norte



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

## 1 INTRODUÇÃO

Pesquisadora do feminismo materialista francófono<sup>2</sup>, Jules Falquet<sup>3</sup> se debruça sobre um conjunto diverso de temas em sua produção, sempre atenta ao lugar das mulheres sob o que chama de sistema-mundo heteropatriarcal, racista-colonial e capitalista neoliberal. Dentre estes distintos temas, ela vem dialogando com outras autoras do feminismo materialista francófono em torno da ampla temática da família. Ampla porque a partir de família enveredamos por discussões sobre divisão sexual do trabalho, regras de parentesco, casamento monogâmico, heterossexualidade compulsória, maternidade, paternidade, a origem da subordinação histórica das mulheres, dentre outras questões. Porém, Jules Falquet vem alinhavando a discussão sobre *família* a partir de sua noção de *combinatória straight* (Falquet, 2019 e 2023). Desejo aqui examinar os dois termos desta *estrutura*: o termo *combinatória* e o termo *straight*.

Mesmo considerando que o sentido de *combinatória* aparece atravessando o pensamento das diferentes autoras do feminismo materialista francófono, eu desejo aqui evidenciar como este termo comporta algumas preocupações de Colette Guillaumin em torno da forma *combinada* como a *apropriação* das mulheres ocorre em diferentes sociedades, incluindo a nossa. Uma apropriação privada dos corpos, do tempo de trabalho e da sexualidade das mulheres, apropriação esta efetivada por homens no âmbito doméstico e nas relações interpessoais em geral, assim como uma forma de apropriação, anterior a esta, inclusive, que é a coletiva e da qual participam todos os homens da sociedade. A *combinação* – que é *dialética* – faz com que as mulheres sejam

---

<sup>2</sup> O pensamento feminista materialista francófono surge entre as décadas de 1970 e 1980 na França num contexto de lutas feministas a partir da contribuição de autoras que formam um "conjunto histórico-político específico" em torno da revista *Questions féministes* (Ferreira et.al., 2014; Cisne e Gurgel, 2014). Estas autoras buscam examinar o lugar das mulheres a partir de uma abordagem antinaturalista articulada a uma análise materialista (Abreu, 2014).

<sup>3</sup> Jules Falquet é uma pesquisadora francesa da área de ciência política; é também feminista materialista, lésbica, militante feminista e professora do Departamento de Filosofia da Universidade de Paris 8. Suas reflexões abrangem uma complexidade de temas, sempre sob um ponto de vista situado e trazendo como baliza o feminismo materialista francófono, que fecunda as suas análises sobre a realidade das mulheres. Dentre as muitas temáticas abordadas por Falquet estão reflexões sobre os processos de colonização e seus impactos sobre mulheres de povos originários, em especial da América Latina. Ela busca também apreender a presença de mulheres em processos revolucionários armados em contextos de colonização perpassados por situações de guerras, pós-guerras e de redemocratização, assim como discutir as diferentes tentativas de domesticar o movimento das mulheres e instrumentalizar "gênero". Seus estudos trazem uma preocupação em situar tais contextos sob o pano de fundo da mundialização neoliberal. Suas análises sobre epistemologia feminista versam de maneira geral em torno da imbricação e rearticulação dinâmica das *rappports sociaux de sexe*, classe e raça, entendendo-as em sua consubstancialidade e coextensividade e dentro da estrutura que a autora denomina de *combinatória straight* (Falquet, 2019 e 2023), a ser examinada ao final deste artigo.

universalmente apropriadas<sup>4</sup>. Guillaumin (2014, p. 34) define esta condição com o termo *sexagem*<sup>5</sup>.

Ainda tratando deste elemento, gostaria de evidenciar também uma segunda proposição: aquela empreendida por Godelier (1981) ao definir a dominação das mulheres como algo que se dá em termos *materiais*, porém em dois âmbitos de materialidade, *combinados*: uma materialidade empírica, física e uma outra materialidade, de ordem simbólica. Para Godelier, não há dominação sem que estas duas formas de dominação coexistam, incidindo simultaneamente sobre o corpo e a alma da(o) oprimida(o).

Já em relação ao termo *straight*, ele é muito caro à noção de *straight mind* de Monique Wittig (2002), que para mim serve para apreender a profunda *misoginia* presente na maneira como a subordinação das mulheres ocorre em nossa sociedade. Isto porque ainda que *straight mind* tenha sido traduzido ordinariamente para o português como "pensamento hetero", o sentido que Monique Wittig intenta dar a esta noção vai muito além da explícita *heterossexualidade compulsória* presente nela, como buscarei apontar no decorrer deste texto.

Ainda que *combinatória straight* seja um conceito complexo, comportando outras nuances, desejo aqui neste artigo analisar especificamente como Jules Falquet toma para si as proposições de Guillaumin, Godelier e Wittig para a constituição deste conceito, mas não apenas: penso que a partir daí ela maneja de maneira crítica a discussão mais clássica sobre *família e parentesco*, oxigenando os debates, pois efetuando reflexões para atuais problemáticas que passam a atravessar este campo de discussão.

Este artigo é fruto de pesquisa iniciada em março de 2023 em torno da contribuição de Jules Falquet para a epistemologia feminista, e aqui ofereço alguns elementos preliminares de análise, que serão melhor desenvolvidos em trabalhos posteriores.

---

<sup>4</sup> Ainda que Guillaumin escreva para o contexto francês, as suas elaborações fazem sentido para a maneira como no Ocidente se constituiu o patriarcado.

<sup>5</sup> Tomando o mote da existência das mulheres enquanto classe social explorada, Guillaumin (2014) defende que esta exploração se situa não apenas no ambiente privado da casa, sob o matrimônio, mas também no ambiente público, e para tanto desenvolve o conceito de *sexagem* (*sexage*, em francês). *Sexagem* é um termo que alia *servidão* (*servage*, em francês) e *escravidão* (*esclavage*), traduzindo o fato de que, para Guillaumin, as mulheres enquanto classe são apropriadas coletivamente por todos os homens enquanto classe, sendo esta uma apropriação que perpassa todas as dimensões de existência das mulheres, se fazendo tanto no corpo quanto no espírito e estando, por fim, próxima ao tipo de apropriação sofrido das pessoas escravizadas trabalhadoras das plantations no século XVIII na América do Norte (Ferreira et.al., 2014).



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

## 2 GODELIER, GUILLAUMIN, WITTIG: ALGUMAS BASES DA COMBINATÓRIA STRAIGHT

### 2.1 MAURICE GODELIER E AS MATERIALIDADES EMPÍRICAS E SIMBÓLICAS

A contribuição que aqui busco trazer de Godelier (1981) é a de que para ele a dominação das mulheres (como, aliás, a de qualquer grupo dominado) não passa apenas e tão somente por atos de violência física (cuja materialidade é de ordem empírica, objetiva), mas que esta dominação também se dá de outras formas, também materiais, mas não físicas. E neste contexto ele situa o consentimento, que é da ordem do simbólico, e que faz par com a violência. Para Godelier, no entanto, as duas formas de dominação têm *materialidade*.

Isto porque para Godelier a dimensão simbólica é tão real quanto as ações propriamente materiais. O ponto de partida deste entendimento de Godelier é o fato de que ele apreende, no processo de trabalho, as duas dimensões das *forças produtivas* (o que chama de "parte material" (ferramentas, utensílios, seres humanos) e "parte ideal", simbólica (regras de fabricação dos instrumentos, representações sobre a vida humana e a natureza) como *intimamente ligadas*, e mesmo constituindo-se mutuamente. Para Godelier, as representações, de ordem ideal, são *indispensáveis* para a *mobilização* dos meios materiais.

Isto faz com que ele afirme que um processo de trabalho supõe *atos simbólicos* e que "esta parte simbólica do processo de trabalho constitui uma realidade *social* tão *real* como as ações materiais sobre a natureza (...)" (Godelier, 1981, págs. 185/186). Assim é que para ele, as ideias não são "uma instância" separada das relações sociais; elas estão *presentes* e *atuantes* em todas as atividades humanas. Em Godelier, *o ideal não se opõe ao material*, na medida em que a ideia é *uma realidade*, ainda que *não sensível, não imediatamente evidente*. O ideal é, para ele, "o que *faz* o pensamento". Sob esta perspectiva, o pensamento tem *funções*, que "confluem para produzir sentido" (Godelier, 1981, p. 189). Não obstante, tanto a natureza quanto o ser humano são "realidades que precedem o sentido que o pensamento pode lhes dar e que não dependem deste sentido para existir" (Godelier, p. 189).

Sob este ponto de partida é que ele apreende a subordinação histórica das mulheres, pois que nos lembra dos "dois elementos indissoluvelmente entrelaçados" da dominação: a *violência* e o *consentimento*, que *não são*, para ele, "realidades mutuamente exclusivas", já que "para durar, todo poder de dominação (...) deve comportar e compor as *duas* condições de seu exercício", sendo esta a condição "essencial" da dominação (Godelier, 1981, p. 193). Ele salienta ainda a centralidade do consentimento:

Para colocar e manter 'no poder', isto é, no centro e acima da sociedade (...) os homens em relação às mulheres (...) importa menos a repressão do que a adesão, a violência física e psicológica menos que a convicção do pensamento que ocasiona a adesão da vontade, a aceitação (...). (Godelier, 1981, p. 192)

E ao final entendemos a sofisticação desta forma de dominação, que é a do *consentimento* "espontâneo"<sup>6</sup>, pois para o nosso autor só há uma maneira de explicar como os dominados podem "consentir espontaneamente" na sua condição subordinada:

É preciso que esta dominação lhes *apareça como um serviço* que lhe prestam os dominadores. Desde então o *poder* destes mostra-se *legítimo* e parece aos dominados que é seu *dever servir àqueles que os servem*. É preciso, portanto, que dominadores e dominados *partilhem* as mesmas representações, para que nasça a força mais forte do poder de uns sobre os outros: um consentimento fundado no reconhecimento dos benefícios e da legitimidade desse poder, um consenso fundado no reconhecimento de sua "necessidade" (Godelier 1981, páginas 193/ 194).

Esta formulação de Godelier nos dá elementos para refletirmos como, por exemplo, o trabalho doméstico gratuito é imposto ideologicamente para as mulheres (assim como é *traduzido* para estas) como *amor* dedicado à família. O ato de servir ao outro (aos homens, aos filhos, à família, enfim) aparece como um dever para as mulheres.

## 2.2 COLETTE GUILLAUMIN E A APROPRIAÇÃO DA "RAÇA" DAS MULHERES

Em um caminho muito semelhante ao trilhado por Godelier, Colette Guillaumin define a subordinação das mulheres como se dando de maneira total, como apropriação integral de sua força de trabalho, mas também dos produtos de seu corpo, e mesmo de seus pensamentos – de sua alma. Assim, Guillaumin de alguma maneira dialoga com Godelier no sentido da apreensão de uma dominação que ocorre em termos *materiais*, mas sob duas dimensões da realidade material: a realidade material do *corpo* – *fisicalidade* e a realidade material da dimensão *simbólica* (o que Godelier chama de "a parte ideal do real").

Desenvolvendo esta noção ampliada de materialidade, Guillaumin critica a ideia moderna de *natureza* e junto com isso critica a ideia de *raça* que também surge com a modernidade, para, enfim, *desnaturalizar* as duas noções. Em relação ao racismo, Guillaumin percebe que é a lógica de *diferenciação* que opera aqui, não apenas no sentido de assinalar uma *distinção* entre, de um lado, o *humano* – especialmente branco, homem, heterossexual, ou, nos termos de Juteau (2017 *apud* Falquet 2023), o "referente neutro" – e de outro lado o *outro*: um conjunto de grupos *racializados* (nos termos de Guillaumin, "minoritários"): negros, mulheres, homossexuais, judeus, loucos, que são, por sua vez, *desumanizados* ao serem associados à *natureza*.

<sup>6</sup> Sempre entre aspas, já que o que se denomina de "espontaneidade" é condição sempre historicamente construída.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Ou seja, para Guillaumin as categorias de raça e sexo são *contingentes e arbitrarias*, jamais naturais, mas *naturalizadas* em um processo que, ao se consolidar através de uma ideologia profundamente naturalista no século XIX, tem como uma de suas características a "imposição" e "inscrição no corpo de um sistema de marcas" (Guillaumin 1992; Falquet 2023).

É a partir deste caminho metodológico que Guillaumin problematiza a *apropriação*, para pensar as relações sociais de sexo (Falquet, 2023, p. 43), desenvolvendo inicialmente a noção de "accaparement", que significa o tomar posse exclusivamente do trabalho das mulheres pelos homens, prática presente em diversas relações de servidão e escravidão (Guillaumin 2014). Guillaumin posteriormente amplia a noção acima para então problematizar a *apropriação física, direta e total da pessoa*, que ela nomeia de **sexagem**<sup>7</sup>. Assim, aqui "o que é apropriado não é precisamente a força de trabalho (mensurável) mas a própria pessoa, ou mais precisamente o que Guillaumin conceitualiza como corpo-máquina-de-força-de-trabalho" (Falquet, 2023, p. 45).

Ela percebe a existência deste tipo de apropriação tanto no sistema de *plantation* colonial – em relação às pessoas escravizadas – quanto nas sociedades industriais – em relação às "pessoas consideradas como mulheres", nos termos de Falquet (2023).

Assim o fazendo, ela se afasta das feministas autointituladas de "radicais" nos EUA (as chamadas radfem), na medida em que para estas os homens buscam controlar os corpos biológicos das mulheres (em específico suas *vaginas*) para a satisfação do prazer sexual masculino, assim como se afasta de "certas 'radicais' marxistas ou antirracistas" (Falquet, 2023, p.45) para as quais a dominação masculina se dá em torno da busca pelo controle da *procriação* feminina – neste sentido, controlando o *útero* (Falquet, 2023, p. 45).

Como já vimos, para Guillaumin, não se trata aqui de uma apropriação parcial, e sim de uma apropriação total do "corpo-máquina-de-força-de-trabalho" das mulheres pelos homens; uma apropriação de seu tempo de vida, que envolve trabalho doméstico e/ou operado na esfera pública, a criação de filhos, a servidão sexual, ou até, como diz Falquet (2023), "a utilização puramente decorativa ou de prestígio" (Falquet, 2023, p. 45).

No entanto, quando Guillaumin fala da apropriação do corpo-máquina-de-força-de-trabalho ela não está se referindo especificamente ao capitalismo, mas em diferentes formas de apropriação que têm lugar historicamente, iniciando na Roma Antiga, perpassando o período

---

<sup>7</sup> Já anteriormente situado neste trabalho.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

colonial na América do Norte e desembocando em nossos dias<sup>8</sup>. Desta forma, segundo Falquet (2023, p.46) Guillaumin não analisa especificamente a exploração da força de trabalho sob o modo de produção capitalista. Assim, o sentido que ela atribui à sexagem não está desenvolvido de maneira a dar conta da sociedade do Capital. Quem busca efetuar este aprofundamento são inicialmente Juteau e Laurin (1988) e em um segundo momento a própria Falquet (2016), "sem contudo concluir que há necessariamente uma e apenas uma lógica de evolução das formas de apropriação" (Falquet, 2023, p.46).

Por fim, é necessário apontar, junto com Falquet, que Guillaumin não faz uma análise explícita da heterossexualidade, mas efetua uma apreensão muito crítica do casamento, que no caso das mulheres é a relação de apropriação privada por excelência. Porém ela, muito corretamente não restringe a apropriação da mulher ao casamento, já que a apropriação coletiva é anterior a este, sendo, aliás, "a lógica subjacente e fundamental", indo "muito além" da apropriação privada e "realmente o que a torna possível" (2023, p. 46).

É Monique Wittig (2002) quem toma as proposições de Guillaumin "para afirmar que 'a mulher', o mito criado pelas relações de sexagem, é necessariamente heterossexual". O que Monique Wittig chama de *straight mind* é esse arbitrário que cria a mulher a partir de uma lógica de diferenciação também arbitrária da humanidade em dois grupos de sexo (Falquet, 2023, p. 46).

### 2.3 MONIQUE WITTIG E A NOÇÃO DE *STRAIGHT MIND*

Monique Wittig<sup>9</sup> segue o argumento já aventado aqui com Godelier em relação ao sentido da materialidade, pois discorda das críticas que dizem que a perspectiva materialista rejeita a dimensão do simbólico:

Estes discursos da heterossexualidade oprimem-nos no sentido em que nos impedem de falar a menos que falemos nos termos deles. Tudo quanto os põe em questão é imediatamente posto à parte como elementar. A nossa recusa da interpretação totalizante da psicanálise faz com que os teóricos digam que estamos a **negligenciar a dimensão simbólica**. Estes discursos negam-nos toda a possibilidade de criar as nossas próprias categorias (Wittig, 2002, p. 25. Tradução e grifo meus)<sup>10</sup>.

<sup>8</sup> Ver Guillaumin, 2016 [1978], p. 18-19 Sexo, Raça e a Prática do Poder, "Le discours de la Nature" (Guillaumin, [1978], p. 57-58 do mesmo trabalho) e seu artigo de 1977 «Race et Nature» (também em Sexe, Race et pratique du pouvoir, 2016 [1978]), assim como Falquet (2023).

<sup>9</sup> Monique Wittig tem uma contribuição importante para o desenvolvimento do feminismo materialista francófono, até 1980, quando rompe com este ao se desligar da revista Questions féministes (cf. Falquet, 2019, p. 134)

<sup>10</sup> Texto original: "These discourses of heterosexuality oppress us in the sense that they prevent us from speaking unless we speak in their terms. Everything which puts them into question is at once disregarded as elementary. Our refusal of the totalizing interpretation of psychoanalysis makes the theoreticians say that we neglect the symbolic dimension. These discourses deny us every possibility of creating our own categories" (Wittig, 2002, p.25).



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Articulando a materialidade empírica e simbólica é que Monique Wittig nos diz que o *rappports sociaux de sexe*<sup>11</sup> está fundado no *straight mind*, que por sua vez seria tanto um **sistema político** quanto um **dispositivo ideológico**, e seria o responsável pela falsa ideia de que a natureza está cindida entre fêmeas e machos que se atraem mutuamente<sup>12</sup> – a assim chamada ideologia da *diferença natural dos sexos*<sup>13</sup>. Ora, para ela, tanto heterossexualidade quanto lesbianidade são escolhas e posições políticas (cf. Cisne e Gurgel, 2014). No entanto, o sentido deste *dispositivo* vai além. Dois elementos são importantes de serem apontados no famoso texto "The Straight Mind" (e, aliás, em todo o livro, do qual o texto faz parte):

O primeiro elemento é que o termo "straight mind" ao tratar de "mind" (*pensamento* ou *mente*, em português) faz referência ao "La Pensée Sauvage" ("O pensamento selvagem", ou "A mente selvagem"), um dos livros mais emblemáticos de Lévi-Strauss<sup>14</sup> que traz as seguintes teses: a) a de que há uma unidade psíquica na humanidade e b) a de que os assim chamados "povos selvagens" têm um pensamento tão complexo como os dos povos assim chamados de "civilizados" (Lévi-Strauss, 1989).

O grande problema da primeira tese é que a tal *unidade psíquica* se dá sob uma regra básica, um ponto de partida universal situado na mente humana, mais precisamente no *inconsciente*, que é o tabu do incesto, que para Lévi-Strauss é a regra per si, a regra-mor,

---

<sup>11</sup> Para o feminismo materialista francófono, homens e mulheres são realidades sociológicas, devendo ser analisados em termos de relações sociais concretas, mais precisamente como *rappports sociaux de sexe* (Ferreira et.al., 2014). Nos termos propostos neste debate, há que se evidenciar uma distinção entre *rappports sociaux* e *relations sociales*. Ainda que em português as duas expressões signifiquem relações sociais, em francês a diferença é que enquanto a expressão *relations sociales* designa relações interpessoais, cotidianas, que se dão em nível micrológico, em geral nos grupos de intimidade, familiares e de amizade, onde os conflitos podem de alguma maneira ser resolvidos de forma individual, as *rappports sociaux* designam relações que se dão em nível macro, amplo, em termos coletivos e impessoais, ou seja, em termos estruturais de uma sociedade. Para as autoras deste pensamento, importam, na análise destas *rappports* a organização social do trabalho das mulheres (cf. Ferreira et.al., 2014).

<sup>12</sup> Uma ideia central do feminismo materialista francófono é a de que homens e mulheres não são grupos naturais, biológicos, e neste sentido este pensamento enfrenta o argumento essencialista corrente de que existiria uma base biológica "por baixo" do gênero, e que este último, sim, seria social. Christine Delphy contra-argumenta com o fato de que, para ela, não há nada, na sociedade humana que possa ser afirmado como natural; nada "por trás" ou "por baixo" da realidade social: "o ser humano é social ou não é: este é o mundo que encontramos ao nascer e não há outro. (...) Não é que uma construção social [...] tenha efeitos sobre uma realidade social que existiria antes dela: [ela] é a realidade". (Delphy s/d apud Ferreira et.al., 2014).

<sup>13</sup> Há um outro campo de pensamento que aborda esta questão e que deve ser mencionado, o do assim chamado "french feminism". Mantendo proximidade com autores como Barthes, Deleuze, Foucault e Lacan, este campo é formado por pesquisadoras diferencialistas-essencialistas, cujos nomes mais conhecidos são os de Luce Irigaray, Hélène Cixous e Julia Kristeva. Este campo defende a diferença natural entre os sexos, o que o leva, segundo Delphy a defender a heterossexualidade (cf. Cisne e Gurgel, 2014).

<sup>14</sup> É necessário apontar que em seu pensamento Wittig está recorrentemente efetuando duas críticas: a) ao estruturalismo, precisamente Lévi-Strauss e b) ao que chama de inconsciente estrutural, ou seja, Freud e a psicanálise (Wittig, 2002, p. 21; p. 42). Isto porque estas duas tradições partem da premissa do tabu do incesto como fundante da humanidade e esta é uma premissa de base heterossexual. Isto quer dizer que para estas duas tradições de pensamento todos os sujeitos que fogem à heterossexualidade (que nestes dois casos é compulsória) estão desencaixados do socialmente aceito.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

fundante do humano, e que designa a obrigatoriedade de casar fora do grupo de parentesco original, o que se efetua através da *troca obrigatória de mulheres*. Ora, o tabu do incesto traz em si os seguintes problemas: a) seu fundamento é heterossexual, já que mulheres são trocadas para casar com homens; b) as mulheres são o objeto da troca, nunca os sujeitos, então o pressuposto para que a troca ocorra é a dominação das mulheres pelos homens.

O segundo elemento é o próprio sentido de *straight*. Esta palavra não tem uma única tradução (nem para o português e nem para nenhuma outra língua), já que no inglês ela carrega muitos sentidos relacionados, dentre eles o sentido de *heterossexual*, que nos parece ser o mais óbvio, mas também: reto, como na frase "a straight line"<sup>15</sup>; direito/certo, como na frase "how many times do I have to tell you children to sit up straight?"<sup>16</sup>; "à frente", como na frase "straight ahead". Já o termo *straight* sozinho carrega os seguintes significados, dentre outros: direto, sem rodeios, sem curvas, o que não se curva, ereto, sério, honesto, em ordem, limpo, sincero, justo, lógico, arrumado.

Na verdade, a raiz etimológica do termo assinala que o que é "certo" é "hetero" é ao mesmo tempo o ser viril, homem, macho. Vemos este último significante apresentado pela própria Wittig em seu texto "Homo Sum" (Wittig, 2002). Ora, Homo Sum significa "homem eu sou" em latim, e neste texto Wittig nos apresenta o que chama de "primeira tabela de opostos que a história nos transmitiu", presente na Metafísica de Aristóteles (Livro I, 5, 6). Nesta tabela, onde estão o que Wittig define como "termos de julgamento e avaliação, conceitos éticos" percebemos que o lado onde se encontra o termo *straight* traz junto a si um conjunto de pares de significantes, entre eles os termos *certo, reto, correto, claro, luminoso, bom*, e também *macho*; em oposição, temos no outro lado da tabela os termos *torto, curvo, escuro, ruim*, e também *fêmea* (Wittig, 2002, p. 49-50. Tradução minha).

O que Monique Wittig deseja apontar aqui é que o termo *straight* é muito mais do que *heterossexual*, e neste sentido vejo como importante usarmos o termo original, para abranger um conjunto maior de significados. E penso que Jules Falquet, não por acaso, escolhe este termo para compor a sua combinatória. Mas há ainda uma outra contribuição no conceito falquetiano: é a maneira como ele nos serve para analisar problemáticas atuais do campo de estudo de família e parentesco, ao tensionar e mesmo superar proposições clássicas deste campo.

<sup>15</sup> Em português, "uma linha reta".

<sup>16</sup> Em português, "Quantas vezes tenho que dizer a vocês, crianças, para sentarem-se direito?".



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

### 3 FAMÍLIA E PARENTESCO: OS LIMITES DO DEBATE CLÁSSICO

O atual debate em torno de família e parentesco<sup>17</sup> é herdeira dos estudos em torno das famílias de sociedades assim chamadas de "primitivas", estudos dos quais Morgan (2005 e 2011), Marx e Engels (2007), Marx (1974) e Engels (1964) tomam parte.

Esta discussão traz em si um conjunto de limites desde o seu início, devido ao fato de que suas bases estão fundadas nas problemáticas maneiras como os pesquisadores desta época apreendiam as *formas familiares* destas sociedades primitivas. A primeira geração que o fez foi a dos evolucionistas, donde destaca-se Lewis Henry Morgan<sup>18</sup>.

Morgan distingue parentesco e família (Morgan, 2011). Para ele, os *sistemas de parentesco* são passivos, relativamente estáticos, mudando pouco na história. Também chamados de *sistemas de consanguinidade*, são formas de organização social que definem quem pode ser considerado *parente* (ou seja, próximo através do "sangue") e quem não pode.

Já as formas de *família* são ativas, sofrendo alterações na medida em que historicamente a humanidade vai limitando cada vez mais a reprodução por consanguinidade. Ou seja, quanto mais parentes consanguíneos são impedidos de casar entre si, mais as formas de família se alteram. E neste sentido, quanto mais "desenvolvidas" as famílias estão (i.e., mais perto da "civilização"), mais longe estão dos laços de consanguinidade (Morgan, 2011).

Ora, Marx (1974) lê não apenas Morgan (2005, 2011), mas boa parte dos estudiosos de família e parentesco desta época, e a partir deste contato escreve nos últimos anos de sua vida um conjunto de apontamentos de leitura, não publicados por ele em vida, mas lidos e utilizados por Engels para escrever o seu "A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado" (Engels, 1964). Estes apontamentos de leitura de Marx só vêm à luz na década de 1970 sob a denominação de "Marx Ethnological Notebooks"<sup>19</sup>.

Morgan também é revivido por Lévi-Strauss e a antropologia francesa na década de 1940. Lévi-Strauss inclusive dedica a ele o seu "Estruturas Elementares do Parentesco" (Lévi-Strauss, 1982), publicado pela primeira vez em 1949. Porém, o estruturalismo de Lévi-Strauss retoma Morgan, não para reeditar *in totum* suas teses, mas para trazer de volta a distinção entre sistemas

<sup>17</sup> Parentesco (Kinship) pode ser definido como, "De maneira mais ampla, uma rede de relações consanguíneas e afins – ou seja, vínculos estabelecidos por meio de descendência ou casamento". Tradução minha. (Winthrop, 1991). Já Marc Augé explica que parentesco é uma *relação social*, não coincidindo com consanguinidade, ou seja, com ascendência/descendência biológica (Augé, 1975).

<sup>18</sup> É importante assinalar que o material que os evolucionistas tiveram acesso já era defasado. Por exemplo, no caso de Morgan estudando povos originários ameríndios, ele tomou como base pesquisas abordando sistemas de parentesco e formas de família já aculturadas por séculos de colonização europeia, e cujas organizações sociais já estavam adaptadas aos padrões familiares europeus, o que torna problemáticos os próprios dados coletados (cf. Álvares, 2019).

<sup>19</sup> Para uma análise aprofundada do Marx Ethnological Notebooks, cf. Álvares, 2019.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

de consanguinidade e formas familiares – o que dá base para a sua teoria sobre o tabu do incesto. Ao fim e ao cabo, é Lévi-Strauss que se torna o paradigma em torno do qual a discussão sobre parentesco e família vai se orientar.

De maneira muito geral, Lévi-Strauss (1989) supera a ideia de Morgan de que a consanguinidade funda a família. Isto porque ele discorda da premissa de que seria o *sangue* o que definiria família. Para Lévi-Strauss, família é *escolha*, e seu fundamento é o casamento exogâmico, se dando a partir da *proibição do incesto*, a *primeira regra*, a “regra” por excelência – que obriga os seres humanos a casarem fora do grupo de parentes. É esta *obrigação* de casar fora o que estabelece o fundamento da família, a *aliança*.

Mas as regras de parentesco de Lévi-Strauss, fundadas na *troca de mulheres* a partir do tabu do incesto naturalizam o casamento monogâmico, a heterossexualidade compulsória e a objetificação das mulheres, já apontadas por um conjunto de feministas (cf. Lerner, 2019, Wittig, 2002, Rubin, 1993, dentre outras). Sendo assim, a discussão clássica sobre família e parentesco carrega um conjunto de limites que iniciam no etnocentrismo dos evolucionistas e desembocam no estruturalismo de Lévi-Strauss.

A partir deste ponto do texto, desejo apresentar como Jules Falquet maneja os problemáticos elementos de família e parentesco para tratar sobre o lugar das mulheres no sistema-mundo heteropatriarcal, racista-colonial e capitalista neoliberal.

#### **4 A COMBINATÓRIA STRAIGHT DE JULES FALQUET: TENSIONANDO E ATUALIZANDO O DEBATE CLÁSSICO SOBRE FAMÍLIA E PARENTESCO**

Sendo este artigo fruto de pesquisa em andamento, que teve seu início em março de 2023, assinalo que os dados que aqui trago ainda são preliminares e exigem aprofundamento.

Para examinar a noção de combinatória straight desejo inicialmente apresentar como nossa autora chega à *imbricação*, noção fundamental neste debate. Para tal, ela toma como ponto de partida as discussões do Combahee River Collective - CRC (cf. Falquet, 2023). O CRC defendia que sexo, classe, raça e sexualidade eram quatro *sistemas de opressão imbricados* e que as mulheres lésbicas negras da classe trabalhadora se situavam na *convergência* desses sistemas de opressão (Combahee River Collective, 2018).

Falquet propõe efetuar uma *síntese* entre as reflexões do CRC e as do feminismo materialista francófono, efetuando, no entanto, duas modificações nas teses do Combahee: em primeiro lugar, ao invés de pensar em *sistemas* de opressão, como defende o CRC, Falquet propõe considerar, junto com Guillaumin, o sexo, a raça e a classe como *relações sociais*,



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

aproveitando, contudo, a ideia de *imbricação* do CRC. Neste caminho metodológico ela propõe que sexo, raça e classe são *relações sociais imbricadas*, e não sistemas entrelaçados.

Acrescenta, por fim (o que para mim é fundamental), que isto significa que os grupos envolvidos aqui – mulheres, pessoas racializadas, pessoas LGBTI+ e demais grupos subordinados – são socialmente e historicamente *produzidos* por estas relações e *não pré-existent*s a elas. Neste sentido Jules Falquet se põe numa perspectiva muito próxima à da teoria unitária<sup>20</sup>.

E em segundo lugar, baseando-se nas proposições de Nicole-Claude Mathieu (1991), Falquet defende que, ao contrário do que propõe o Combahee River Collective, *a sexualidade não é uma quarta relação social, mas sim a pedra angular das relações sociais de sexo*.

Isto significa tratar de *família*, porque é no seio da família, no âmbito privado das relações domésticas onde a *sexualidade* é primeiramente situada (normatizada, regrada, estabelecida); ela é considerada também (no caso da relação sexual) a mais íntima forma de sociabilidade entre os indivíduos (cf. Sarti, 2005), responsável direta pelo estabelecimento de vínculos de afeto duradouros<sup>21</sup> (se pensamos na procriação, decorrente da relação sexual) mas é também em torno da sexualidade que surgem as *regras fundamentais* que normatizam a primeira forma de organização humana, o *parentesco*.

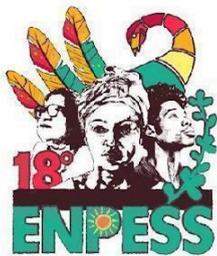
Marx e Engels apontam já na Ideologia Alemã (2007, p. 33), antes mesmo de Morgan e muito antes de Lévi-Strauss esta máxima das sociedades tradicionais: a de que antes do estabelecimento das classes sociais e do Estado os seres humanos se organizavam socialmente a partir da família (cf. Álvares, 2019), e que isto significava organizar as *relações de produção* tomando como ponto de partida os *laços de parentesco*<sup>22</sup>.

Como estes laços são definidos? A partir da questão básica "quem é considerado meu parente e quem não é"? o que significa aqui perguntar "com quem eu legitimamente posso manter relações sexuais", "com quem eu posso estabelecer casamento", "quem é a minha família – quem

<sup>20</sup> A Teoria Unitária da Reprodução Social - TRS defende que seria incompleta a ideia de uma *articulação* entre as dimensões de produção-reprodução, defendendo que estas existem enquanto *unidade* dialeticamente indissociável. Para mais elementos, cf. Ruas, 2019 e Oliveira, 2021.

<sup>21</sup> Afetos familiares que nem sempre passam pelo amor, pela confiança ou pelo cuidado, sendo recorrentemente lugar do medo, já que perpassados por diferentes formas de violência, abuso, abandono, e no limite, assassinato.

<sup>22</sup> Para Marx e Engels (2007, p.33) "essa família, que no início constitui a única relação social, torna-se mais tarde, quando as necessidades aumentadas criam novas relações sociais e o crescimento da população gera novas necessidades, uma relação secundária". Álvares (2019) nos lembra que "mais de trinta anos antes da publicação de *Ancient Society*, já estava presente nesse escrito desses autores aquilo que foi tido pela tradição marxista do século XX – principalmente pela antropologia soviética – como uma grande descoberta de Morgan, a saber, que as relações de parentesco constituem o principal meio de organização social da produção dos meios de vida [em sociedades comunais]" (Álvares, 2019, p. 118-119 - colchetes meus).



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

estará, pois, na esfera de produção doméstica comigo", no caso de sociedades comunais<sup>23</sup>, por exemplo, assim como "quem herdará minhas propriedades" e "quem eu tenho o direito de explorar/ oprimir no âmbito da família".

Jules Falquet atualiza este debate para pensar não as sociedades tradicionais, mas a nossa própria, que ela define enquanto *sistema-mundo heteropatriarcal, racista-colonial e capitalista neoliberal*. É sob estas preocupações que ela nos diz:

Defino a combinatória straight como o conjunto das instituições e regras que regem, em cada tempo e cada lugar, tanto as lógicas de união matrimonial quanto as de filiação legítima. Ou seja, o que é prescrito, tolerado ou proibido em termos de escolha de parceiras(os) segundo sexo, raça e classe, mas também que tipo de descendência se espera das diferentes categorias de união, em que categorias de sexo, raça e classe será colocada essa descendência e a quem pertencerá (Falquet, 2023, p.61).

Este "conjunto de instituições e regras" se constitui, no entanto, para Falquet, a partir da discussão em torno de *natureza* empreendida por Guillaumin. Aqui, para mim, importa atentar para a oposição entre natureza e cultura, mais precisamente os pares natureza/ animalidade/ primitivo e cultura/ humanidade/ civilizado.

Neste âmbito, Falquet menciona a *distinção* que a sociabilidade do sistema-mundo heteropatriarcal, racista-colonial e capitalista neoliberal efetua entre seres e grupos, definidos por sua *animalidade* (tomados como *corpos animalizados*) e outros, definidos como *plenamente humanos*, desde o seu nascimento (Falquet 2023, p.61). Ora, como vimos, para Guillaumin, a *racialização* ocorre através da *desumanização* de certos seres e grupos. E, para Falquet (2023) é a combinatória straight que *prescreve a definição de quem é ou não humano* aqui.

Sustento que Falquet situa esta diferenciação no âmbito do *parentesco*, na medida em que as distinções operadas pela combinatória straight localizam as pessoas e grupos em certas condições/ regras/ lugares dentro das *famílias* e são perpassadas por contextos de legitimidade e ilegitimidade em relação a *laços* de casamento, regras de filiação, vínculos de paternidade e maternidade, assim como pelos pares acolhimento/abandono, amor/desamor, cuidado/violência no âmbito familiar.

Para Falquet, essa noção é importante também porque ela deixa evidente que em nossa sociedade, o nascimento de crianças não significa que todas elas serão bem-vindas, aguardadas, valorizadas da mesma maneira ou consideradas uma "riqueza invejável". Algumas destas crianças serão simplesmente "empurradas para a morte bem antes de nascer, logo após o nascimento ou em idade prematura, seja pelas suas mães, os seus pais, o seu grupo ou pela

---

<sup>23</sup> Vale lembrar que sociedade comunal não significa sociedade igualitária, e que mesmo nestas últimas sociedades encontramos relações de dominação (cf. Álvares 2019).



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

sociedade", assim como a mulher que deu à luz a esta criança dificilmente tem seus direitos reconhecidos de maneira sistemática (Falquet, 2023, p.61). Há, assim, um conjunto de elementos, que são, para ela, "os temas centrais do feminismo decolonial" que a combinatória straight permite-nos refletir. Estes temas são:

o estupro de mulheres racializadas, a mestiçagem forçada, a ideologia do branqueamento, o destino particular das pessoas mestiças, as famílias e as maternidades impossibilitadas, o abandono paterno e a monoparentalidade feminina imposta, e o desejo por respeitabilidade diante da predominância das uniões informais (Falquet 2023, p.61).

Neste sentido,

a combinatória straight permite a análise da produção de crianças (ou seja, a mão de obra, destinada a ser apropriada, explorada ou livre para apropriar ou explorar outras pessoas) em uma lógica imbricada e historicizada. Mais precisamente, lança luz sobre a organização sexual, racial e de classe do trabalho procriativo e sua evolução. Quem produz fisicamente os novos corpos, em que condições, e quem se apropria do fruto dessa atividade? (Falquet, 2023, p.62).

Por outro lado, explica como o risco de gravidez forçada e a produção de prole socialmente ilegítima como resultado da violência sexual, ou a simples "mãe união", fazem com que certas pessoas ou suas descendências percam a condição de pessoas plenas (Falquet, 2023, p.62).

Há aqui uma preocupação da autora em refletir sobre as maneiras como as *regras* deste *trabalho procriativo* tomam parte na reprodução ampliada do capital. Mas além disso, ela também reflete sobre o que chama de "estratégias matrimoniais e procriativas", levadas a cabo por pessoas e grupos para conseguir manejar as regras estabelecidas e mudar temporariamente o seu *status*. Assim é que, indivíduos e grupos lidos como racializados/ desumanizados buscam incessantemente *cambiar* sua inscrição neste terreno (Falquet, 2023, p.61-62).

São exemplos dessas estratégias os casos de "mulheres racializadas escravizadas que buscaram formalizar certas relações impostas pelos homens brancos para que sua prole assim legitimada possa, segundo seu sexo, ter acesso a certa educação e, talvez, libertá-las", assim como "passar a si mesma, ou fazer passar a sua prole, do status de 'corpo-máquina-de-força-de-trabalho' apropriada para o de pessoa suscetível a possuir e vender a sua própria força de trabalho — ou mesmo apropriar-se e/ou explorar outras pessoas" (Falquet, 2023, p.61-62).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a sua combinatória straight, Jules Falquet dá continuidade ao trabalho de desbiologização do pensamento empreendido pelo feminismo materialista francófono, pois rompe com a ideia naturalizada de que "a mulher necessariamente se une ao homem", ou que haveria uma "espontaneidade" na *endogamia* de *raça* ou de *classe social* (Falquet 2023).



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Ao fazer isso, e seguindo a esteira das suas "cúmplices" francófonas, mas também de Rubin (1993) e de tantas outras feministas, ela contribui no esforço coletivo de desmontar o paradigma estruturalista que fortemente sustenta as discussões sobre família e parentesco ainda hoje: o argumento de Lévi-Strauss de que é a *troca de mulheres* (com todas as repercussões deste ato) o que funda a família e, de quebra, funda a sociedade humana.

Contudo, o que desejo neste artigo apontar é que ela vai além, ao tomar questões atualmente candentes para as(os) estudosas(os) de famílias na atualidade, mais detidamente quando consideramos que nosso objeto de estudo é cada vez mais famílias chefiadas por mulheres pobres racializadas moradoras da periferia do capitalismo.

Até este momento me parece evidente que Jules Falquet (2023), ao desenvolver a sua noção de combinatória straight tensiona a discussão clássica sobre família e laços de parentesco, quando toma como baliza a condição de subordinação (no âmbito da família) destas mulheres, para as quais as assim chamadas "regras elementares do parentesco" parecem não se aplicar.

É para estas mulheres e suas questões que Jules Falquet olha e ao fazer as suas perguntas ela nos auxilia, a nós que também nos pomos a estudar família, a oxigenar também o nosso olhar.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Maira. **Politizando a anatomia: antinaturalismo e materialismo no pensamento feminista francês (1960-1980)**. Tese de Doutorado. UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP: 2016.
- ÁLVARES, Lucas Parreira. **Flechas e Martelos: Marx e Engels como leitores de Lewis Morgan**. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte, PPGDCE/ UFMG, 2019.
- AUGÉ, Marc. **Os domínios do parentesco**. Edições 70, Lisboa, 1975.
- CISNE, Mirla; GURGEL, Telma. *Os Atuais Desafios Para o Feminismo Materialista: Entrevista com Jules Falquet*. **Temporalis**, Brasília (DF), ano 14, n. 27, p. 245-261, jan./jun. 2014.
- COMBAHEE RIVER COLLECTIVE. **Manifesto do Coletivo Combahee River**. Lutas Sociais, São Paulo, vol.22 n.40, p.138-148, jan./jun. 2018.
- DELPHY, Christine. *L'ennemi principal*. In: **L'exploitation patriarcale**, n. 1: L'exploitation économique dans la famille, Paris: Féministes Révolutionnaires, 1970.
- ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. Editorial Vitória Ltda., Rio de Janeiro, 1964.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

FALQUET, Jules. *Transformations néolibérales du travail des femmes: libération ou nouvelles formes d'appropriation?* IN: GUIMARAES, Nádía Araújo; MAURIANI, Margareth; SORJ, Bila. (coord.). **Genre, race et classe**. Travailler en France et au Brésil. Collection Logiques Sociales. Paris: l'Harmattan, 2016.

FALQUET, Jules. *A combinatória straight. Raça, classe, sexo e economia política: análises materialistas e decoloniais*. **Revista Crítica Marxista**, n.48, p.127-145, 2019.

FALQUET, Jules. *Um feminismo materialista decolonial é possível: leitura conjunta de Colette Guillaumin e de María Lugones*. **Prosas feministas em tempos de pandemia** [livro eletrônico]/ organização Ana Elisa Cruz Corrêa, Luciana Henrique da Silva, Michelle Franco Redondo. -- 1. ed. -- Uberlândia, MG: Coleção marxismo21, 2023. -- PDF.

FERREIRA, Veronica, ÁVILA, M. Betania, FALQUET, Jules, ABREU, Maira (orgs). **O patriarcado desvendado**: teorias de três feministas materialistas: Colette Guillaumin, Paola Tabet e Nicole-Claude Mathieu – Recife: SOS Corpo, 2014. 188 p.

GODELIER, Maurice. *A Parte Ideal do Real*. In: **Coleção Grandes Cientistas Sociais** Vol. 21. Antropologia. São Paulo, Ática, 1981 (págs. 185/203).

GUILLAUMIN, Colette (2014). *Prática do poder e ideia de natureza*. In: FERREIRA, Veronica, ÁVILA, M. Betania, FALQUET, Jules, ABREU, Maira (orgs). **O patriarcado desvendado**: teorias de três feministas materialistas: Colette Guillaumin, Paola Tabet e Nicole Claude Mathieu – Recife: SOS Corpo, 2014. 188 p.

GUILLAUMIN, Colette. *Le corps construit*. IN: GUILLAUMIN, Colette. **Sexe, race et pratique du pouvoir**. L'idée de Nature. Paris: Côté-femmes, 1992 [1981].

JUTEAU, Danielle. *Sur la pensée de Colette Guillaumin* - Entretien avec Danielle Juteau, réalisé par Valérie Amiraux et Nicolas Sallée. **Sociologie et sociétés**, 49(1), 163-175, 2017.

JUTEAU, Danielle; LAURIN, Nicole. *L'évolution des formes d'appropriation des femmes: des religieuses aux «mères porteuses»*. **Revue canadienne de sociologie et d'anthropologie**, n. 25, v. 2, p. 183-207, 1988.

KERGOAT, Danièle. *Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais*. Tradução de Antonia Malta Campos. **Novos Estudos CEBRAP**. No.86 São Paulo: USP. março/2010.

LERNER, Gerda. **A Criação do Patriarcado**: História da Opressão das Mulheres pelos Homens. Tradução Luiza Sellera. – São Paulo: Cultrix, 2019.

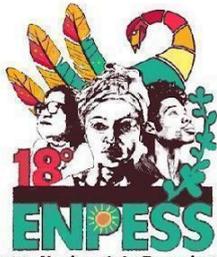


Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Campinas, SP: Papirus, 1989.
- LÉVI-LÉVI-STRAUSS, Claude (1982). **As Estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis, Vozes, 1982.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007, 614p.
- MARX, Karl. **The Ethnological Notebooks** (Studies of Morgan, Phear, Maine, Lubbock 1880/1882). Transcribe and edited, with an introduction by KRADER, Lawrence. Internationaal Instituut voor sociale geschiedenis. Van Gorcum & Comp. Assen, Netherlands, 1974.
- MATHIEU, Nicole-Claude. *Notes pour une définition sociologique des catégories de sexe*. **Relatório do Congresso Mundial de Sociologia**. Varna, 1970; publicado em 1971 na revista *Epistémologie Sociologique*.
- MATHIEU, Nicole-Claude. *Identidade sexual/ sexuada/ de sexo? Três modos de conceitualização da relação entre sexo e gênero*. In: FERREIRA, Veronica et al (orgs). **O patriarcado desvendado: teorias de três feministas materialistas**. Orgs: Verônica Ferreira, Maria Betânia Ávila; Jules Falquet e Maira Abreu – Recife: SOS Corpo, 2014. 188 p.
- MORGAN, Lewis H. *A sociedade antiga*. in. CASTRO, Celso (Org.). **Evolucionismo Cultural: Textos de Morgan, Tylor e Frazer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- MORGAN, Lewis Henry. **Systems of Consanguinity and Affinity of the Human Family**. Smithsonian Institution, 1871; Original from Ghent University. Digitized in Jan 26, 2011. Length, 590 pages.
- OLIVEIRA, Rayane Noronha. **Serviço Social, Classe, Gênero e Raça: tendências teórico-metodológicas e as possíveis contribuições da Teoria Unitária**. 2021. 227f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – CCSA, UFRN, Natal, 2021.
- RUAS, Rhaysa. **Unidade, Diversidade, Totalidade: a Teoria da Reprodução Social e seus contrastes**. Dissertação de mestrado. CCS, UERJ. Faculdade de Direito. UERJ, RJ: 2019.
- RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres**. Notas sobre a 'Economia Política' do sexo. Recife: SOS Corpo, 1993.
- SARTI, Cynthia Andersen. *Deixarás pai e mãe: notas sobre Lévi-Strauss e a família*. **Revista Antropológicas**, ano 9, volume 16(1): p.31-52, 2005.
- WITTIG, Monique. **The Straight Mind And Other Essays**. Bacon Press Books. Boston, Massachusetts, 2002 (First digital-print edition).
- WINTHROP, Robert H. **Dictionary of concepts in cultural anthropology**. Greenwood Press, Westport, p.151/156, 1991.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

---

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social